

Infrastructural turn

acção artística e curatorial envolvida com lugares extremos

Inês Moreira (CEAA-ESAP)



14 de março de 2025 às 14:00
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Auditório do Pavilhão Sul



Glosar Masterclass #1: Infraestrutural Turn ⁴

por Inês Moreira

(CEAA-ESAP)

Explorando a concretude de projectos criadores de condições infraestruturais “outras”⁵ para a prática cultural, artística e curatorial, Signe Meisner e Rachel Mader seguem as linhas de *freethought*, em particular o segundo enlace de Irit Rogoff — como acção crítica em/sobre instituições. Mapeiam iniciativas e lugares que, conscientes da rigidez das definições categóricas identificada pela infraestrutura ocidental, abraçam a sua fluidez e moldam novas conformações, referindo que:

“as abordagens à infraestrutura e à organização nas artes e nos estudos culturais críticos que emergiram recentemente tentaram redefinir o significado das práticas que se envolvem com os parâmetros com os quais estão entrelaçadas e rodeadas enquanto acção crítica ou mesmo radical. Essas práticas tornam-se inclusivamente plataformas para investigações colectivas e interdisciplinares e para que a arte e a acção social se fundam como locais cruciais de experimentação entre a experiência incorporada, a luta social e as apropriações colectivas do espaço”
(Christensen & Mader, 2020, p.06).

⁴ Este texto é um excerto do originalmente publicado em: Moreira, I. (2025, maio). Infra-estruturas críticas: Cuidando de sistemas em transição. *Jornal Arquitectos*: Publicação periódica da Ordem dos Arquitectos, 266, 36-47.

⁵ Seminário “Precarious Infrastructures: How to build institutions that escape the logics of touristification and urban service economies” <https://projects.au.dk/insai/events/show-event/artikel/precarius-infrastructures>

Identificam no seu levantamento de “atitudes e estratégias de interacção com o infraestrutural” a apropriação de infraestrutura, a criação de infraestrutura (auto-organização, projectos participativos) e o jogo com infraestrutura, bem como modos de acção, práticas situadas, a força de laços informais, ou as práticas do comum, que se manifestam numa diversidade de lugares físicos como museus, centros culturais, bienais, espaços auto-organizados e outros. Segundo as autoras:

“Quando considerado uma atuação performativa, o conceito de infraestrutura pode funcionar como uma ferramenta para tornar claro o que está em jogo em formas radicais de organização, em práticas de commoning ou em experiências curatoriais no sistema artístico. Performativo, portanto, significa não só considerar a infraestrutura como algo fluido e em constante mudança, mas também como algo maleável, que aqueles que nela vivem e actuam podem moldar” (Christensen & Mader, 2020, p.06).

Elke Krasny e Sophie Lingg sublinham o “infras-
tructural turn” (identificado por Meisner e Mader
nas artes) para analisar como se estende à arqui-
tectura e ecologia. A sua leitura leva a crítica ao
infraestrutural a novas dimensões projectuais e
propositivas, seja pela criação de novas organiza-
ções e pelo entrosamento com infraestruturas
existentes, como pelo nascimento do que conside-
ram ser um novo campo do conhecimento:

“Esta viragem infraestrutural conduziu não só a investigações culturais e artísticas sobre infraestruturas, mas também à formação de humanidades infraestruturais, entendidas de forma mais ampla. Nos contextos da arte e da arquitetura e das suas expressões visuais e espaciais, com as quais aqui nos ocupamos, tem havido um grande envolvimento crítico de artistas, artistas e praticantes críticos do espaço com a condição infraestrutural, com um enfoque tanto na infraestruturas para as artes, como no modo como as art based practices podem questionar, apropriar-se ou mesmo destruir as infraestruturas existentes” (Krasny & Lingg, 2024, p.007).

Dedicado à sua proposta de uma Feminist Infrastructural Critique, o recente número do FKW Journal sublinha aspectos usualmente considerados menores e secundários pela visão heróica da criação arquitectónica e espacial, mas absolutamente inerentes à noção e ao funcionamento de infraestruturas, aqueles da manutenção, reparação e cuidado:

“A Feminist Infrastructural Critique manifesta-se através da insistência no cuidado, na reparação e na manutenção, bem como através da resistência, da recusa, do protesto ou, por vezes, do ataque. Através de práticas de utilização e resistência, novos imaginários infraestruturais ganham vida para superar a opressão, a violência e a discriminação infraestruturais. Os labores quotidianos das infraestruturas estão no centro da Crítica Feminista das Infraestruturas e dos novos imaginários infraestruturais” (Krasny & Lingg, 2024, p.006).

Propõe entender a acção quotidiana como micropolítica transformadora, evidenciando a manutenção e a resistência, para além das “outras” formas de relação, imaginação e acção directa sobre o ambiente e o espaço.

Nesta resposta situada e orientada para a acção espacial, importa ainda revisitar a noção de prática espacial crítica definida por Jane Rendell (2006) em *Art and Architecture*. Posicionadas no interface entre as concepções e linguagens da arte e da arquitectura, e entre teoria e prática, as *Critical Spatial Practices* (Rendell, s.d) reúnem três aspectos — o crítico, o espacial e o interdisciplinar — que se expressam nas propostas de autores/colectivos envolvidos com espaços concretos. A formulação das *Critical Spatial Practices* permitiu a abertura de tropos não binários, como arte-arquitectura, teoria-prática, escrita-construção, hoje mais reconhecidos e praticados por diversas práticas e expressões da arquitectura e da arte. E, se há 20 anos o infraestrutural turn em arquitectura não estava em processo, as ideias, estratégias e intervenções reunidas como CSP provocaram leituras e acções sobre os lugares articuladas em práticas interdisciplinares, tendo sido precursoras de algumas das iniciativas de agora.